

OLHARES PARA O CAMPO – ALTERNATIVAS EDUCATIVAS PRESENTES NA ANPED

SILVA, Ilsen Chaves da – UNIPLAC – ilsen@uniplac.net

GT: Educação Popular / n.06

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Examinando os trabalhos apresentados nos últimos dois anos da ANPED, nos Grupos de Trabalho ‘Movimentos Sociais’ e ‘Educação Popular’, detectamos onze (11) trabalhos e um minicurso, cujas temáticas de alguma maneira abordam a educação em espaços “não urbanos” da sociedade. Ao buscar uma denominação que englobasse essa série de trabalhos, esbarramos na primeira dificuldade, que remete a um problema conceitual e histórico. Educação rural ou educação do campo? Que histórias, que trajetórias, que pertinências teóricas estão por traz dessas duas denominações? O que significa filiar-se a uma ou outra vertente? A expressão negativa permitiu, neste momento inicial, englobar diversas perspectivas e abordagens que aparecem como foco nesses onze trabalhos, quais sejam: educação rural, pedagogia da alternância, casas familiares agrícolas, movimentos sociais, educação do e no campo.

Para além das diferenças que originaram historicamente tais alternativas pedagógicas, voltadas para as áreas não urbanas - algumas inspiradas em experiências estrangeiras, outras surgidas e construídas a partir das tradições locais ou regionais -, parece importante, hoje, destinar-lhes um olhar agregador, interessado em reconhecer a importância de uma educação voltada para as populações camponesas, nas suas diferentes formações étnicas, culturais, sociais e econômicas. Afinal, elas compõem, juntas, um mosaico¹ que retrata parte da realidade de nosso imenso país, que comparado com outros gigantes territoriais do mundo, ainda mantém grande parte do seu território não urbanizado e demograficamente bastante rarefeito. Conforme o último censo (IBGE 2000), dos 169.800.000 habitantes brasileiros, 81% são urbanos, e só 19% habitam as áreas rurais. Esses 19% são, no entanto, cerca de 34.000.000 brasileiros, que devem ter seus direitos de cidadania garantidos. Os GTS de Educação Popular e de Movimentos sociais convergem nesse sentido, buscando fortalecer a atenção às populações excluídas ou marginalizadas.

¹ O minicurso ministrado no GT 06, **Educação dos povos que vivem no campo**, trabalhou na perspectiva de articulação entre as várias vertentes voltadas para as populações camponesas e excluídas*

1. MÚTIPLAS VERTENTES QUE DESEMBOCAM NO MESMO OCEANO: A INCLUSÃO

Considerando a imensidão territorial de nosso país, sua história de colonização, a diversidade geográfica e cultural, as diferenças de origem étnica e especialmente o modelo econômico vigente no planeta, bem como as atividades laborais desses diferentes grupos, faz sentido o desenvolvimento dessas múltiplas possibilidades e vertentes que inspiram maneiras diferentes de organização da educação para essas populações, cada uma com suas peculiaridades. Consideramos ainda que elas não se excluem umas às outras, mas se complementam no sentido de valorizar práticas e teorias construídas no seio das comunidades, inspiradas na própria luta pela sobrevivência, às vezes pela via da resistência ou pelo exemplo de outras regiões que desenvolveram experiências exitosas. Uma organização incluyente, onde haja espaço para todos e todas, promovendo modos de vida mais dignos a partir do exercício de cidadania ativa as une numa luta comum.

Na 28ª Reunião anual da ANPED, Batista (2005, p.1) situa o surgimento da chamada Educação popular, que agrega diversas vertentes de certa maneira heterogêneas, e explicam a vocação deste GT para acolher e ajudar a configurar novos campos educacionais que vão se fazendo necessários, para fazer face às novas conjunturas de organização social que se desenvolvem no mundo contemporâneo:

Assim, evidencia-se que a educação tem uma essência política como uma de suas características fundantes. Da disputa de projetos e concepções de sociedade e de educação nasce no Brasil, no final da década de 1950 e início de 1960, uma outra concepção de prática de educação, voltada para as classes populares, que passou a ser chamada por seus protagonistas de Educação Popular.

Vale ressaltar que esses movimentos surgem já no início do século XX como reação às práticas e a organização capitalista e que se ampliam e multiplicam ao longo desse período; Paludo (2006, p. 2) em trabalho encomendado pelo GT 06 na 29ªANPED, assim se coloca:

A origem mais ampla da Educação Popular (EP) está vinculada aos

Movimentos Sociais concretos de resistência do povo na América Latina. Ela nasce e se firma como teoria e práticas educativas alternativas às pedagogias e práticas tradicionais e liberais, vigentes em nossos países, que estavam a serviço da manutenção das estruturas de poder político, exploração da força de trabalho e domínio cultural. Por isso mesmo, nasce e constitui-se vinculada ao empoderamento, organização e protagonismo dos trabalhadores do campo e da cidade, visando à transformação social.

Pretendemos a partir dos 11 (onze) trabalhos selecionados, explorar as vertentes das quais se alimentam, onde se encontram essas experiências pesquisadas, e quais suas fontes de inspiração. Alguns termos-chave que agregam certo número de trabalhos puderam ser percebidos como pistas: EFA – (Escola Família Agrícola), trabalhadores rurais, movimentos sociais, educação dos povos que vivem no campo, extensão rural (EMATER), educação popular no campo e MST.

Na vertente dos movimentos sociais, salienta-se o MST - que se caracteriza como o maior e mais organizado movimento que se ergue e luta contra o regime capitalista vigente, e que ao longo dos últimos anos tem conseguido por em pauta junto aos órgãos governamentais, os direitos de uma parcela significativa da sociedade, que até então esteve excluída do direito à terra e às condições mínimas de sobrevivência.

Caldart (2002, p.2,) citada por Batista, destaca essa dimensão educativa no movimento do MST: “Os Sem Terra se educam, quer dizer, se humanizam e se formam como sujeitos sociais, no próprio movimento da luta que diretamente desencadeiam”.

Com relação às experiências das Escolas Família Agrícola, Silva (2005), assim se coloca na 28ª Reunião da ANPED:

Inspiradas no modelo francês das *Maisons Familiales Rurales*, a história das EFA's no nosso país teve início no final da década de 60, no Estado do Espírito Santo, através de um trabalho comunitário coordenado pelo Movimento Educacional e Promocional de Espírito Santo, (MEPES). Buscava-se com esse movimento não apenas a fixação do jovem instruído no campo mas, fundamentalmente, conscientizá-lo de sua função política junto à história de seu grupo social. Com uma metodologia baseada no princípio da alternância (...) períodos de vivência na escola e na família (...)

A expressão “rural” durante muito tempo foi utilizada em oposição ao urbano,

carregando conotações difíceis de serem ultrapassadas, no sentido da díade atraso/progresso. Ainda utilizada, vem sendo re-significada, e progressivamente vem se tentando desvincular a idéia de campo da menos valia nessa relação dicotômica urbano/rural.

Já a expressão educação do ou no campo é mais recente e nascida das lutas e reflexões desenvolvidas pelos movimentos sociais, provocadas pelos segmentos que de alguma forma agregaram ou lideraram tais lutas. Dela advém, em parceria com os órgãos governamentais MEC- SECAD “As diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo” (Resolução CNE/CEB Nº 2, de 3 de abril de 2002.) construídas pelo Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo.

Procuramos elencar alguns aspectos objetivando dar visibilidade à relevância dos trabalhos que vêm sendo elaborados e disponibilizados pelos pesquisadores aqui relacionados. Algumas observações a partir dos onze trabalhos encontramos uma série de referências bibliográficas, entre autores nacionais e internacionais. Dentre os mais citados, aparece como grande iniciador e balizador da Educação Popular, Paulo Freire, 16 vezes citado, em oito dos onze trabalhos; sendo que em sete, a obra citada é “A Pedagogia do Oprimido”. Em segundo lugar aparecem Roseli Caldart, que é citada seis vezes em dois trabalhos e Maria da Glória Gohn - 5 vezes, referenciando cinco obras; Miguel Arroyo, Gaudêncio Frigotto, Pablo Gentili e Conceição Paludo também são referenciados acompanhando as reflexões destes autores interessados na educação das populações do campo e servem de bússolas para muitos trabalhos.

Também no intuito de mapear os focos de interesse por este tipo de temática no Brasil, verificamos de onde provêm essas vozes e as ações por elas analisadas, apresentadas no pôster em forma de mapa.

Ressaltamos o valor do trabalho que Antônio Munarim vem realizando, antes, durante e após a sua passagem pela SECAD, portanto como pesquisador e, também, como representante do poder público no sentido de disseminar e semear uma concepção e práticas de educação para e com os povos do campo, no sentido de garantir-lhes autonomia e identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este breve trabalho visa contribuir para a configuração deste campo de estudos do qual participam os que anseiam por uma nova organização social, por uma educação menos excludente, seja no sentido das classes sociais, dos sexos ou das raças; aqueles que lutam por relações mais humanas e equânimes, por um mundo mais justo.

Desenvolvendo minha dissertação sobre as escolas multisseriadas no contexto da educação do campo, trazendo referências de análise de experiências nacionais e, também, a Renovação Pedagógica das escolas rurais da Catalunha, justifico meu interesse em participar ativamente do GT de Educação Popular. Trabalhar para dar densidade e fundamento à educação para as classes populares, seguindo suas trilhas nesse processo de reinvenção da educação para aqueles que sempre estiveram à margem.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, M. A Cultura nas Práticas de Extensão Rural desenvolvidas pela EMATER-RS/ ASCAR no RS. Trabalho apresentado na 28ª Reunião anual da ANPED, 2005.

BATISTA, M do S X. Educação Popular em Movimentos Sociais: Concepções e Práticas Educativas Emancipatórias. Trabalho apresentado na 28ª Reunião anual da ANPED, 2005.

_____. Os Movimentos Sociais cultivando uma Educação Popular do Campo. Trabalho apresentado na 29ª Reunião anual da ANPED, 2006.

CALDART, R. In Educação Popular em Movimentos Sociais: Concepções e Práticas Educativas Emancipatórias.

DIRETRIZES OPERACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA NAS ESCOLAS DO CAMPO. - Resolução CNE/ CEB nº1, de 3 de abril de 2002.

FOERSTE, E.. Pedagogia da Terra: Diálogo entre o MST e Universidade. Modalidade pôster apresentado na 28ª Reunião anual da ANPED, 2005.

FONSECA, E.M.. MST, Um Discurso-Ação que convoca um vir-a-ser. Trabalho apresentado na 28ª Reunião anual da ANPED, 2005.

GODÓY, C. Educação Lutas Sociais e Cidadania- Práticas Educativas da EFA – em Goiás. Trabalho apresentado na 28ª Reunião anual da ANPED, 2005.

KREMER, A. Educação e Desenraizamento: Processo de Nucleação das Escolas do Município de Bom Retiro - SC . Trabalho modalidade pôster apresentado na 29ª Reunião da ANPED, 2006

MUNARIM, A. . & SILVA, Lourdes Helena & ROCHA, Maria Isabel Antunes. Educação dos povos que vivem no campo. Modalidade minicurso - ministrado na 29ª Reunião anual

da ANPED, 2006.

PEREIRA, S. A Experiência de Trabalhadores Rurais no Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável: Oferta do Estado e Aprendizado da Fala. Texto apresentado na 28ª Reunião anual da ANPED, 2005.

____. A Experiência de Escolarização de Trabalhadores Rurais em Baturité – Ceará: A Construção ou a Destituição do Direito à Educação no Campo. Trabalho apresentado na 29ª Reunião anual da ANPED.

PALUDO, C. Da Raiz/Herança da Educação Popular à Pedagogia do Movimento e a Educação no e do Campo: um olhar para a trajetória da Educação no MST. Trabalho encomendado pelo GT06 – para a 29ª Reunião anual da ANPED, 2006.

SILVA, L. H. da. A Educação do Campo em Foco: Avanços e perspectivas da Pedagogia da Alternância em Minas Gerais. Trabalho apresentado na 28ª Reunião anual da ANPED, 2005.